

Situada no campo de estudos de movimentos sociais e processos educativos, a pesquisa apresentada aqui problematiza a construção de identidades no cotidiano de bairros de periferia. Neste sentido, a Vila Bom Jesus, em Porto Alegre, vem sendo o campo empírico em função de sua expressiva relação com o movimento Hip Hop, dado que entre os grupos de jovens pertencentes à comunidade existe um processo de apropriação e produção de artefatos advindos dessa cultura. Um desses grupos tem sido acompanhado e observado e, a partir dessa inserção e do reconhecimento da realidade de que fazem parte esses jovens, pensou-se um recorte a ser problematizado: que relação se estabelece entre a linguagem por eles utilizada e a construção de suas identidades? Para compreensão do problema proposto, trabalha-se com as bases teóricas de Pierre Bourdieu e Alberto Melucci sobre cotidiano e linguagem. Em relação à metodologia utilizada, considera-se a observação e análise das narrativas enunciadas e dos apontamentos feitos em campo. Pretende-se, ainda, fazer uso da comparação de entrevistas já realizadas na fase exploratória da pesquisa com membros do movimento Hip Hop que não pertencem à Vila Bom Jesus. Tal contraste há de ser estabelecido com o intuito de verificar se a linguagem observada não é apenas expressão da que é produzida nas periferias. Até o momento, nas incursões à comunidade e nas conversas protagonizadas pelos jovens nas incursões etnográficas, pôde-se observar uma linguagem bastante característica sendo produzida – muitas gírias e, até mesmo, diferentes formas de conjugação dos tempos verbais. Tendo-se por base os referenciais de Bourdieu sobre a linguagem chamada “popular” (em oposição ao que seria uma linguagem social padrão), identificou-se a existência de um dialeto próprio desses sujeitos. Pode-se apontar dois resultados parciais a essa questão. Inicialmente, o fato de que o uso desse dialeto assume papel no pertencimento ao grupo, uma vez que existe a necessidade de fazer-se compreender e de partilhar momentos. Em segundo lugar, levando-se em consideração que a identidade também é definida na diferença, na relação dentro-fora, há elementos que denotam a existência de estigmatização sobre o linguajar usado pelos jovens. Como mais um possível resultado, há de se estender a reflexão para a probabilidade de, também, a estigmatização ter importância na formação da identidade desses jovens. (Agência financiadora: BIC/UFRGS)